

CAPA

Bolsonaro no fim da linha

O DEMENTE QUE SE INSTALOU
NO PLANALTO CONTA COM A PROTEÇÃO
DE UM EXÉRCITO DE SERVIÇAIS

por MINO CARTA

Anossa prioridade absoluta é nos livrarmos de Bolsonaro e do bolsonarismo. Embora falem 11 meses para a eleição

presidencial determinada pelo calendário golpista, a maior esperança reside na vitória de Lula, a quem mandamos os parabéns por seu aniversário nestes dias, a manter a diferença de 12 anos entre ele e mim, que nada pude fazer para alterá-la. Tenho por Lula o afeto do irmão mais velho e nunca faltei ao apoiá-lo em suas decisões desde o tempo das greves de São Bernardo, que liderou por três anos seguidos, até ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional pela ditadura, que ali enxergava um desafio insuperável ao seu poder.

Esse apoio irrestrito não lhe faltará agora à vista deste pleito decisivo, a despeito da sua origem. *CartaCapital* está com Lula e não abre. A partir da sua vitória, o mínimo a aguardar é o fim de Bolsonaro, palhaço do mundo, e do bolsonarismo para o retorno aos dias felizes

que caracterizaram os mandatos petistas. O ex-capitão é, de verdade, o resultado da atribulada história deste país infeliz, marcado até agora pelo monstruoso desequilíbrio social a torná-lo o mais injusto na face da Terra.

Se nos permitirmos um balanço amplo da situação, veremos que a nossa história explica Bolsonaro, ao apontar nele o desastre anunciado. Pode-se afirmar que tudo começa pela falsa versão da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral. O autêntico descobridor foi realmente Americo Vespucci, a serviço da Escola de Sagres. O navegador toscano repetiu a rota de Cristóvão Colombo, daí desceu até as costas da atual Venezuela e começou a bordejar o mapa do Brasil. Assim passou pelo delta do Amazonas e chegou, ainda em 1500, até o Nordeste. Um



O abraço definitivo



ano depois, em 1501, alcançaria a Baía de Guanabara, para entender que atingira o paraíso terrestre. De volta a Portugal, foi ele quem avisou que aqui, cortado ao meio pelo Tratado de Tordesilhas, havia um outro continente.

Assim, sem que tivesse terminado o ano de 1500, partiu uma expedição comandada por Cabral, oficialmente para circunnavegar a África. Pura encenação. A partir da costa africana, a frota portuguesa seguiu em outra direção, ao alegar a presença de um vento imperioso que a empurrava em outro rumo. E como quem não quer nada, que aí estava por acaso, Cabral chegou às terras do pau-brasil. Nascemos, portanto, de um ardil, de uma mentira ao cabo aceita pelo mundo.

Não é, está claro, um começo edificante. Mas assim nasceu o Brasil, onde, escrevia Pero Vaz de Caminha, “em se plan-

tando tudo dá”. No caso, deu a tramoia. Sob o domínio da metrópole lusitana, o Brasil tornou-se protagonista do maior fenômeno de escravidão até então conhecido, e duradouro como nenhum outro ciclo de pilhagem de seres humanos. Quatro milhões de escravos foram traficados para substituir em parte, onde foi necessário, o braço aborígine, a se revelar indolente ao explorar a terra dadivosa.

**CHEGANDO AO
BRASIL ANTES
DE 1500, AMÉRICO
VESPUCCI, QUE
DÁ NOME AO
CONTINENTE,
INDICOU A ROTA
CERTA AOS
PORTUGUESES**

**O cavalo branco
era apenas um luar**

Há de se lembrar que os escravos levados aos Estados Unidos foram 200 mil. Foi ali que se estabeleceu um modo de vida a perdurar até hoje na nossa implacável medievalidade. Casa-grande e senzala estão de pé, como se nada tivesse acontecido para mudar este penoso destino. Quando, no início de 1800, Dom João VI, o imperador que jamais tomou banho, veio ao Brasil e fez do Rio de Janeiro a capital do seu império, o País deixava de ser colônia, mas confirmava a sua vocação escravocrata, a péssima catadura de quantos o governavam e, em clima caótico, mostrava claramente a tendência ao golpe baixo e ao passa-moleque por parte de quem tinha condições de praticá-los à vontade.

Basta ler Saint-Hilaire e suas páginas sobre o Brasil de então, ou deixar os olhos caírem sobre as gravuras de Debret para entender quais daninhas peculiaridades



vincavam o País. A colonização nos encaminhou também para a realização da monocultura, e dividiu a terra em imensas sesmarias, entregues, sem maiores cuidados, a senhores improvisados e sem futuro na terra natal, cercados de levas de degredados como primeiros habitantes do território grande como um continente. Há uma surpreendente miscigenação iniciada pela caça às mulheres indígenas, substituídas, a certa altura, pela quantidade adequada de prostitutas portuguesas habilitadas, eventualmente, a se transformar em damas de uma grotesca sociedade nascente.

Talvez alguma esperança de transformação positiva tenha surgido, sobretudo em Pernambuco, à sombra do príncipe de Nassau e na elevação desta terra nordestina a colônia holandesa controlada por uma Companhia da Índias Ocidentais, quem sabe a primeira multinacional estabelecida nas nossas latitudes, em contraposição a uma Companhia das Índias Orientais, esta a atingir até o Pacífico. Certo é que o rumo do País não mudou então substancialmente, e muito menos por obra de uma chamada independência que passou despercebida pela população. O célebre episódio do Grito foi retratado imprópriamente por Pedro Américo. Antes de mais nada, o cavalo do príncipe, que almoçara talvez mexilhões duvidosos na casa da amante, a marquesa de Santos, era o mesmo muar disposto a conduzi-lo pelo caminho da Serra do Mar até as alturas do Ipiranga, já à vista de São Paulo.

Dom Pedro I era rei ao sabor de uma desavença com a corte paterna, mas nada se pode dizer que o abone como iluminado monarca. Seguiram-se anos turvos até Dom Pedro II, derrubado pelo primeiro golpe da história pátria, para substituir

O golpe de 64 foi obra do Exército de ocupação, com o apoio irrestrito da casa-grande e da sua mídia

**A COLONIZAÇÃO
PORTUGUESA
TRAFICOU
4 MILHÕES DE
SERES HUMANOS,
PILHADOS
NA ÁFRICA,
ENQUANTO OS EUA
CONTENTAVAM-SE
COM 200 MIL**

a monarquia pela República. É o modelo de todos os demais que infestaram a vida de inúmeras gerações. Ainda assim o País não emergiu de sua medievalidade e chegamos aos dias de hoje sem ter logrado transformar o nosso povo em nação. No fim deste tormentoso roteiro, temos na Presidência da República um facinoroso demente a encabeçar uma corte de serviços chamados a garantir o seu poder, sem maiores riscos.

Neste enredo, Jair Bolsonaro é uma

consequência inevitável, a sublinhar os precedentes a partir do tempo em que, com boas razões para tanto, o Brasil era tido como um país do futuro e na Conferência de Haia, Keynes, já presente na ribalta, dizia do nosso Águia, Rui Barbosa: “Como é enfadonho este senhor Barba-rossa”. Desde aquele momento, uma série de golpes foi praticada, graças à aliança entre a casa-grande e o Exército nacional, contingente de ocupação, a se considerarem as orientações emanadas de Washington, na convicção granítica de agir no seu próprio quintal.

Pior de todos foi o golpe de 1964, militar conforme a mídia, mas, indiscutivelmente, também civil, devido ao claro apoio dos senhores da própria, convencidos de que o País caminhava na direção da sua comunização. De todo modo, a temporada dos golpes não se esgotou e o próprio Getúlio Vargas, eleito constitucionalmente, matou-se com o revólver que guardava sobre o criado-mudo, com um gesto revelador da sua impotência diante da malignidade do destino. Ao sabor de uma análise honesta, temos hoje uma população





imersa no oblióvio, a evitar-lhe a visão contemporânea da vida e do mundo, enquanto letrados de várias origens aguardam as eleições prescritas pelo calendário gerado por uma nova forma de golpe desfechado pelos próprios poderes da República.

Convém admitir a criatividade dos golpistas, que, desde a Lava Jato, impõem o ritmo da política, prendem e condenam Lula sem provas, derrubam o governo legítimo de Dilma Rousseff, levam ao poder o usurpador Michel Temer e, finalmente, escolhem Bolsonaro como o mal menor, em garantia da sobrevida da nossa medievallidade. Não exige um esforço mental exagerado a compreensão da absoluta naturalidade da presença do ex-capitão como resultado de tudo quanto o precedeu.

Este Brasil merece o ex-capitão, graças, inclusive, ao esforço despendido para imbecilizar a massa por pilares das comunicações. Cito, em primeiro lugar, a Claro e seus inefáveis trabalhos a favor do alheamento da verdade factual, com a contribuição criminosa de uma propaganda baseada na parvoíce de ouvintes e telespec-

Vargas criou grandes empresas administradas pelo Estado

tadores. Chama atenção, longe de qualquer farmácia, a oferta de remédios capazes de dominar qualquer mal, desde bico de papagaio até a falta de ereção. A prometer também longa vida a quem ingere a água dos fiordes nórdicos, sem contar o colchão Emma, o mais premiado da Europa. Um arlequim de jaleco branco interpreta temporariamente o papel de médico dado à investigação científica para assegurar as qualidades de um colchão impermeável a vírus e bactérias.

A Claro é de propriedade de um certo e famigerado Carlos Slim Helú, o rico supremo da América Latina, mexicano de origem levantina, dono também da Embratel, privatizada à moda nativa. O próprio Bolsonaro cuida de nos tranquilizar neste momento turvo de encarecimento dos combustíveis. Promete todo empenho para vender à iniciativa privada a Petrobras, criação notabilíssima do

estadista Getúlio Vargas. Segundo o nosso presidente da República, privatizada a companhia, o governo brasileiro ganhará o controle dos preços e todos os motorizados ficarão em êxtase. Nas próximas páginas, contaremos da derradeira decisão do ex-capitão com o beneplácito do seu Posto Ipiranga: a redução brutal das despesas previstas para financiar o ensino das crianças brasileiras e lhes roubar o futuro.

Na esteira das privatizações, proclama o ex-capitão, o governo terá também o controle dos preços da energia elétrica e o encanto dos cidadãos não terá fim. No palco, Bolsonaro torna-se protagonista ideal, sendo oportuno e justo acentuar que a san-

ha privatizante começa no governo Fernando Henrique Cardoso, responsável pela façanha de haver quebrado o País três vezes ao longo do seu mandato, já esticado por uma reeleição que não dispensou a compra de deputados para ser aprovada. Neste avanço irresistível na direção de Bolsonaro, FHC tem méritos inegáveis e merece largamente a citação. •



A empresa de Carlos Slim esmera-se na propaganda enganosa